

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**A FORÇA DO ACONTECIMENTO:  
a morte de Michael Jackson como experiência social**

**Roberta Almeida**

**Belo Horizonte  
2011**

**Roberta Almeida**

**A FORÇA DO ACONTECIMENTO:  
a morte de Michael Jackson como experiência social**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de especialista em Imagens e Culturas Midiáticas.

Orientador: Rennan Mafra

**Belo Horizonte  
2011**

Roberta Almeida

*A força do acontecimento:  
a morte de Michael Jackson como experiência social*

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de especialista em Imagens e Culturas Midiáticas.

---

Rennan Mafra – (Orientador) – UFMG

---

Delfim Afonso Júnior - UFMG  
Coordenador do curso de pós-graduação,  
especialização em Imagens e Culturas Midiáticas.

**Belo Horizonte, 11 de outubro de 2011.**

## **Resumo**

Esse artigo tem por objetivo fazer uma descrição ampla da morte do cantor Michael Jackson, enxergando-a sob a perspectiva de uma leitura acontecimental. Procuramos verificar como este episódio afeta os sujeitos em seus campos de experiências e analisar o esforço da mídia para dar conta de algo que está para além de uma simples descrição. Para tanto, verificaremos matérias do site de notícias Folha Online, do portal especializado em celebridades EGO e da rede social Orkut. Pretendemos fazer uma abordagem genérica deste evento social que marcou de forma singular a vida das pessoas e a dinâmica dos meios.

## **Palavras-chave**

Experiência Social, Acontecimento, Campo problemático, Campos de experiência, Michael Jackson.

## **ABSTRACT**

This article has as purpose make a broad description of the death of singer Michael Jackson, seeing it from the perspective of a reading from the perspective of the event. We try to see how this episode affects individuals in their fields of experience and analyze the media effort to account for something that is beyond a simple description. To this end, we find reports of the news website Folha Online, the portal specializing in celebrity EGO and social network Orkut. We intend to make a general thrust of this social event that marked the unique way people's lives and the dynamics of the media.

## **Keywords**

Social Experience. Event. Problematic field. Fields of experience. Michael Jackson.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

BBC – British Broadcasting Corporation

EUA – Estados Unidos da América

MTV – Music Television

## SUMÁRIO

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>1</b>  |
| <b>2</b> | <b>ACONTECIMENTO E EXPERIÊNCIA SOCIAL</b> .....                              | <b>2</b>  |
| <b>3</b> | <b>PERCURSO INTERPRETATIVO E INDIVIDUALIZAÇÃO DO<br/>ACONTECIMENTO</b> ..... | <b>4</b>  |
| <b>4</b> | <b>CAMPOS PROBLEMÁTICOS E RECONFIGURAÇÃO DOS POSSÍVEIS</b> .....             | <b>6</b>  |
| 4.1      | O acontecimento na Folha Online .....  | 7         |
| 4.2      | O acontecimento no portal EGO .....  | 9         |
| 4.3      | O acontecimento no Orkut .....   | 11        |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | <b>13</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | <b>14</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Em 29 de agosto de 1958, na cidade de Gary, nasce Michael Joseph Jackson, o sétimo de nove filhos do casal Katherine e Joseph Jackson. Ao perceber o potencial musical dos filhos, Joe Jackson resolve formar uma banda. Com uma infância conturbada, rigorosa e bastante disciplinada, Michael Jackson descobre sua vocação como dançarino e cantor. Ao virar o centro das atenções no grupo, a banda teve que ser reformulada: o menino de apenas 9 anos substituiu o irmão mais velho e se tornou vocalista principal do grupo *Jackson 5*.

Doze anos mais tarde, Michael lança seu primeiro álbum solo. O disco vende 20 milhões de cópias no mundo todo. Mas o apogeu de sua carreira viria em 1982, quando o cantor, já conhecido como *rei do pop*, lança *Thriller* – o disco mais vendido de todos os tempos, de acordo com o *Guinness World Records*. Em 1984 Michael sofre queimaduras de segundo grau durante as filmagens de um comercial. A partir desse episódio, Michael passa a reclamar de fortes dores e, segundo a enfermeira Cheryl Lee, ele sempre pedia para ser sedado.

Jackson criou um novo estilo de dança e seus vídeos foram responsáveis pela transformação do videoclipe em forma de promoção musical. Com o sucesso de *Thriller*, o vídeo também abriu as portas para a música negra no canal de televisão dedicado à música *MTV*, de acordo com a agência de notícias *BBC Brasil*<sup>1</sup>. Sua música rompeu a barreira racial e sua dança foi popularizada. Sempre envolvido em polêmicas, em 1993 foi acusado de abusar de crianças e, desde então, apresentou crises de saúde e, à época, muito se falou sobre sua situação financeira – decadente. Em meados dos anos 1990, Jackson se casou e se tornou pai de três filhos. Em 2005, ele foi julgado e absolvido de alegações de abuso infantil.

Michael Jackson é considerado uma figura mítica. Sem se definir como homem ou menino, negro ou branco, ostentava uma vida de fantasias e suas canções sempre falavam de amor e de mudança. No espetáculo regido por sua vida, o maior show desse artista, infelizmente, foi o último: a morte. Impossível desviar do que é certo: o dia 25 de junho de 2009 marcou a trajetória do pop e de toda uma sociedade. No auge de seus 50 anos, o mundo parou mais uma vez por Michael Jackson.

---

<sup>1</sup> Foi a partir de *Thriller* que a produção de um videoclipe de sucesso se tornou uma espécie de obrigatoriedade para a carreira de qualquer estrela do pop. O vídeo também abriu as portas para a música negra no canal de televisão dedicado à música *MTV*



Assim como ele sempre desejava, Jackson conseguiu novamente voltar a atenção mundial para si. A comoção era nítida nos rostos dos amantes da música e fãs, aparentemente desolados com a notícia - sem contar os milhares de novos admiradores que passaram a idolatrá-lo. Tributos e manifestações de carinho foram feitas no mundo todo. Na tevê, canais exibiam especiais sobre sua carreira e vida pessoal, vídeos com suas coreografias e músicas de grande sucesso eram postados no site *YouTube*, e, em sites de relacionamento, comunidades de apoio à família eram criadas. Tudo era elaborado com a intenção de prestar, de alguma forma, as últimas homenagens ao astro.

A polêmica correu o mundo, e, em 28 de agosto de 2009, foi liberado o laudo oficial do óbito de Michael. Nele, o médico legista concluía que o *rei do pop* havia sido assassinado, vítima de intoxicação aguda devido ao anestésico Propofol e de um sedativo. De acordo com informações da *Globo News*<sup>2</sup>, o exame toxicológico dizia ainda que a combinação de outros quatro medicamentos, para o tratamento de ansiedade e insônia, também ajudou a matar o astro. Na semana anterior, um relatório da polícia havia revelado as sucessivas aplicações de remédios feitas pelo médico Conrad Murray, na tentativa de fazer Jackson dormir.

Diante disso, tomando como referência a morte de Jackson, esse artigo tem por objetivo fazer uma análise geral sobre o óbito do cantor, verificando como a mídia interpretou o acontecimento e em como os sujeitos foram afetados em seus campos de experiência pelo falecimento do artista. Para tanto, como estratégia metodológica, verificaremos matérias da Folha Online - escolhido por ser um dos mais importantes portais de notícias abertos na internet, o site EGO - que tem como principal foco a vida de celebridades, e o Orkut - por ser esta a maior rede social do Brasil.

## **2 ACONTECIMENTO E EXPERIÊNCIA SOCIAL**

A causa da morte de Michael Jackson apenas caracterizaria um fato, conforme definições de Louis Quéré (2005). As especulações e a comoção pública são indícios de que a morte não se fecha apenas no que dizem os laudos, mas no que reverbera na sociedade. A morte do astro da música pop é algo que foge do controle dos sujeitos e os coloca em uma

---

<sup>2</sup> Matéria exibida em 28/08/2009. “O primeiro laudo oficial sobre a morte de Michael Jackson revela que o Rei do Pop foi assassinado. Ainda não se sabe se o médico Conrad Murray vai responder por homicídio culposo ou doloso”.

zona de desconforto; uma situação que, de tão inesperada e repentina, não oferece condições para uma compreensão da circunstância. Quéré afirma ainda que, “há coisas que acontecem, e que julgávamos impossíveis de acontecer, porque excediam o pensável ou o nosso sentido do possível. Ao acontecerem, somos obrigados a reconhecer que havia possibilidades, potencialidades ou eventualidades.” (QUÉRÉ, 2005, p.63). Portanto, nesta rápida passagem, o autor nos mostra a necessidade de rever o nosso sentido do possível e a inscrever na ordem das eventualidades o que até então parecia impensável.

Assim sendo, verificamos que o acontecimento da morte do cantor, midiático por natureza, ganha sentido a partir da experiência de cada um ou a partir da relação do indivíduo com o ambiente. John Dewey (2005) mostra que a experiência resulta da dinâmica de energia entre criatura viva e ambiente, seus encontros e tensões, de modo que elas não se encerram em um sujeito, mas entrelaçam o eu e os objetos e eventos do mundo. Para Quéré, a experiência é definida como a percepção e a recepção de um dado sensível, causador de sensações, de impressões, de imagens, de significações experimentadas como pertencentes ao que é vivido de modo imediato pelo sujeito.

Podemos observar então que Michael Jackson não é um cidadão comum que morre, mas uma celebridade experimentada por meio da midiaticização – inclusive por aqueles que partilhavam da convivência com ele. Nesse sentido, sua morte é um acontecimento não pelo fato de ser uma morte qualquer, mas pelo fato de existir uma singularidade neste acontecimento, inclusive para aqueles que conheciam não o astro, mas a pessoa comum.

Neste caso, a experiência com a morte do astro pop, o acesso às informações acerca dos motivos que o levaram a óbito, o velório e o enterro chegaram ao conhecimento público por intermédio do que era apresentado nos mais variados veículos de informação. Têm-se neste sentido uma experiência mediada que, por mais que seja referencial para boa parte dos espectadores, como elemento de apresentação de uma dada realidade, também é singular, pois é impossível para um meio dar conta do real (Guimarães e Leal, 2008).

Num segundo movimento, é importante ressaltar que a experiência social não se esgota na experiência mediada, que é, por isso, limitada e impossível para dar conta do real. Não só apenas em função de práticas dos *media*, mas da própria relação que a nossa sociedade estabelece com os meios de comunicação: eles instituem novas formas de sociabilidade que são marcas desse modo de vida moderno, e inscrevem novas possibilidades de ação e de relação, modificando, sobremaneira, a experiência social, o que pode oferecer impressões aos sujeitos por intermédio de elementos subjetivos:

A noção de "experiência mediada", reformulada, deve funcionar aqui à maneira de uma dobradiça: de um lado, ela se abre às formas de narrar e instituir o real: de outro, ela suscita crenças e modos de ver no espectador, acionando os componentes próprios da experiência estética, e a incidência de seus efeitos sobre os sujeitos. Dupla visada, complementar e articulada: de um lado, a fabricação do real pelos relatos: de outro, a experiência do espectador. (GUIMARÃES; LEAL, 2008, p.13).

Por meio do poder hermenêutico de um acontecimento diante de uma experiência pública – ou seja, seu poder de conformação de um campo de interpretação acerca de uma questão –, Quéré (2005) demonstra que o acontecimento liga-se diretamente à ideia de provável, funcionando como força que rompe com as expectativas, efetuando-se sobre o sujeito, que é incapaz de uma contra-afetação. Por sua vez, a mídia, que tem por característica a construção das principais experiências do mundo, faz uma interpretação possível do acontecimento.

Assim, ao noticiar a morte de Michael Jackson, as revistas, jornais impressos e eletrônicos, a fim de trazer significação a algo que se configura como inexplicável (leia-se contraditório e paradoxal) para os indivíduos, demonstra que também faz parte do cotidiano, ou seja, depende deste e o conforma tentando organizar os fatos. De tal modo, a mídia faz uma interpretação, que tem um lugar singular, mas nós, sujeitos, completamos nossa experiência e interpretamos o acontecimento a partir de referências que nos são próprias e singulares também, tendo, inclusive, a referência da mídia como uma delas.

A mídia permite essa proposição coletiva, pois é onde oferece a designação. A partir daí os sujeitos trabalham a manifestação e significação do acontecimento. Deste modo, o cotidiano também pode ser visto como campo de possibilidades, já que o corte na continuidade provoca a possibilidade de novos possíveis serem configurados.

### **3 PERCURSO INTERPRETATIVO E INDIVIDUALIZAÇÃO DO ACONTECIMENTO**

Deleuze (2007) mostra que, entre o acontecimento e sua expressão pela linguagem, há enunciados que se apresentam em relações distintas na proposição. Deste modo, o autor propõe três relações: designação ou indicação, manifestação e significação – e uma quarta onde se dá o sentido: a expressão. Mesmo compreendendo a expressividade desse autor, optaremos pelo caminho traçado por Quéré (1995). Para este autor, a individualização do

acontecimento se faz através de um percurso interpretativo, conformado por três aspectos, que não obedecem a uma ordem prioritária, pois não são etapas: a descrição, a colocação em intriga (*la mise en intrigue*) e a normalização.

Além disso, ainda propõe que, além da observância desses aspectos na conformação de um percurso interpretativo, a matriz de individualização do acontecimento pode ser decomposta em três séries de elementos: o contexto de descrição, um pano de fundo pragmático e uma estruturação determinada das perspectivas temporais (QUÉRÉ, 1995).

Descrever um acontecimento é realizar uma “nominalização”, inscrevê-lo na ordem de determinados fenômenos, delimitá-lo, categorizá-lo; enquanto que a colocação do acontecimento em intriga seria a realização de uma narração, tornando o acontecimento dizível por meio de uma narrativa que chega e que está a chegar (*devir*), configurando uma sucessão de ocorrências ou um encaminhamento de ações numa totalidade inteligível. Em seguida, temos a normalização do acontecimento, que significa tentar retirar do mesmo sua natureza acontecimental, ou seja, compará-lo a outros acontecimentos de mesma ordem, associando-o ao que já se passou ou ao que poderá vir (QUÉRÉ, 1995).

Ainda sobre o percurso interpretativo do acontecimento, o autor mostra que o contexto de descrição pode ser entendido como a filiação de um acontecimento a uma conjuntura de circunscrição, mobilizada em função das circunstâncias de ocorrência identificadas e dos quadros da experiência vivenciados pelos sujeitos. Já em relação ao pano de fundo pragmático, o autor afirma que as crenças e os signos sócio-culturais articulam e animam as práticas, engajam interpretações sob apreciações inerentes às estruturas normativas de uma sociedade. Por último, mas não menos importante, temos a estruturação determinada das perspectivas temporais, que seria o acontecimento visto como uma entidade temporal, num campo de experiências determinado.

Dessa forma, Quéré (1995) demonstra como esses aspectos apresentam-se no percurso interpretativo de individualização do acontecimento, indicando que estas perspectivas são claramente percebidas na construção que a mídia e os atores sociais tentam fazer para enquadrar o acontecimento, e são importantes nortes para a compreensão da morte de Michael Jackson. Além disso, é importante compreender como campos problemáticos são instaurados pela força de um acontecimento, e como questões antes não tomadas como possíveis, passam a fazer parte da experiência social.

#### 4 CAMPOS PROBLEMÁTICOS E RECONFIGURAÇÃO DOS POSSÍVEIS

Por que é importante entender a morte de Michael Jackson como um acontecimento? Neste caso, percebemos que as tentativas de respostas não conseguem dar conta do acontecimento, pois ele não se explica pela lógica, pois tem força em si mesmo. Sua singularidade está no paradoxo, nas questões levantadas pela mídia e pelo público. Apesar de todas as tentativas de interpretação, as respostas não estão dadas, o que confirma a natureza acontecimental do ocorrido. “Não se pode falar em acontecimentos senão como de singularidades que se desenrolam em um campo problemático e na vizinhança das quais se organizam as soluções.” (DELEUZE, 2007, p.59).

Para Quéré, “a compreensão do acontecimento e da situação que ele gera, ou revela, passa, também, pela sua explicação causal, que não é unicamente da ordem da contemplação” (QUÉRÉ, 2005, p.60). A morte de Michael Jackson dá a ver a propagação do acontecimento e os modos operatórios do sujeito ao estabelecerem sua contra-efetuação, seja pelas suas experiências anteriores, seja por uma busca de causalidade ou por outras referências.

A mídia também tenta dar conta de uma atribuição de significados para a morte do cantor, mas, como vimos, tem grande dificuldade para isso; os porquês não cessam. Explicações das mais diversas aparecem e com elas um amplo campo problemático. Como define Quéré, “tal como se integram nas intrigas, contribuindo para o seu desenvolvimento, os acontecimentos ganham um lugar em campos problemáticos e servem, pelo seu poder de esclarecimento e de discriminação, de pivô dos inquéritos que procuram e elaboram soluções”. (QUÉRÉ, 2005, p.72).

Embora as questões de tempo e a noção de intriga narrativa sejam importantes para compreender o acontecimento, Quéré (2005) apresenta um questionamento que vai além dos esquemas estruturais. Este autor se preocupa em conhecer no que consiste o poder hermenêutico do acontecimento. Procura-se, assim, entender a forma como a mídia sintetizou seu discurso e como as noções sobre o senso comum são articuladas em suas narrativas a respeito da causa da morte do astro, evidenciando que não só a razão esteve envolvida mas também, e principalmente, aspectos subjetivos de ordem emocional, a partir da relação dos fãs com o astro.

Assim, se estabelece uma esfera problemática regida por incertezas e sentimentalismo; mas como ela é conformada? Quais são as nuances? Visando nos aproximar destas respostas e compreender as expressões de linguagem da mídia, seu percurso interpretativo – e também o dos sujeitos afetados por este acontecimento, nos propomos a analisar matérias veiculadas em

impressos de grande circulação, sites especializados e redes sociais. Nosso propósito, contudo, é o de analisar a reconfiguração do campo dos possíveis que o acontecimento instaura partir de um processo comunicativo/intersubjetivo. Isto é, pretendemos compreender as tentativas dos media e dos sujeitos em dar sentido à morte de Michael Jackson, observando o processo cíclico implementado nas dinâmicas discursivas e o complexo de possibilidades que a morte física do cantor estabelece.

Como estratégia metodológica, utilizaremos matérias da Folha Online – entendendo ser este um dos mais importantes portais de notícias do país e também pelo fato de a Folha Online ser um portal de notícias aberto a qualquer cidadão na internet, do Orkut – por ser esta a maior rede social do Brasil, rica em debates acerca deste acontecimento, e do site EGO, que tem como principal foco a vida de celebridades, entendendo que a partir do contrato de leitura que estabelecem com os internautas, deram vigilância especial ao caso.

#### **4.1 O acontecimento na Folha Online**

Para analisar o percurso interpretativo da mídia, optamos pelo portal pertencente ao Grupo Folha - Folha Online, por entendermos que as matérias sobre o assunto em questão foram publicadas com mais frequência, comparado à versão impressa - tanto que um dia após a morte do astro, o Google interpretou a disparada de buscas na internet sobre Michael Jackson como “ataque cibernético”<sup>3</sup>, sem contar que esta versão online apresenta reportagens relativas ao acontecimento já a partir do dia 25 de junho de 2009, data do falecimento do cantor. Diante de tantas informações a respeito da morte do astro pop, serão analisadas matérias publicadas na Folha Online que destacaram o caso nos dias 25 e 26 de junho e 28 de agosto - data em que foi divulgado o laudo sobre a morte.

Os acontecimentos explodem na superfície da mídia sobre a qual se inscrevem como sobre uma membrana sensível. Mas, conforme Quéré (2005), põem em ressonância os sentidos que nela estão inscritos: desperta um saber virtual, faz alertar um conhecimento adormecido. A morte de Michael Jackson é um exemplo de como um acontecimento desse porte é tratado pelos sujeitos. Apesar de as primeiras informações sobre a morte do cantor apresentarem certo desencontro, o portal tentou superar a falta de informação momentânea

---

<sup>3</sup> De acordo com informações da *BBC Brasil*, o volume extraordinário de buscas pelo nome do cantor Michael Jackson na internet levou o Google a interpretar esse fenômeno como um "ataque cibernético".

utilizando-se de artifícios sobre a vida premiada e polêmica do cantor, seus valores e crenças, além de matérias sobre sua vida desregrada e mudanças constantes. Fatos marcantes em sua carreira eram requisitados para compor a pauta em questão.

Assim, quando o mundo soube que Michael Jackson havia sofrido uma parada cardíaca, conforme informou o Instituto Médico Legal de Los Angeles, nos Estados Unidos, as especulações sobre o ocorrido se espalharam pela internet. No dia 25 de junho de 2009, às 18h30 (horário de Brasília), a *Folha Online* publicou a primeira informação a respeito. Menos de uma hora depois, é publicada a confirmação da morte<sup>4</sup> do cantor.

A morte de Michael mostra a singularidade do acontecimento. Cada um interpreta à sua maneira, de acordo com seu pano de fundo. Como se trata de um mito, a morte causa comoção e rompe barreiras do tempo. O óbito de Michael Jackson foi um acidente inscrito no tempo e criou uma cisão na vida de muitas pessoas. Celebridades entrevistadas pela *Folha Online* lembravam o que o astro significou para suas carreiras, fãs falavam o que representava para eles a saída de cena de Michael Jackson e do vazio que a morte provocaria na música pop. Vale ressaltar, contudo, que todos estes comentários estavam inscritos sob a égide do portal – não se quer dizer que a mídia tenha adulterado a fala dos personagens, mas as inscreve sob uma narrativa própria, auxiliando no processo interpretativo adotado pelo meio.

O campo problemático desencadeado pelo acontecimento exige uma investigação que vai levar ao sentido produzido, o que suscitou questões no portal como “por que morreu”, “causa da morte”, “como ficaria a turnê prevista para aquele mês em Londres”, “o futuro da música pop”, “o que seria dos fãs”. Cria-se então a intriga: pistas se desenham, caminhos se abrem, uma rede de sentidos se institui, uma lógica e uma cronologia se instalam através, também, da perspectiva midiática.

A partir disso, os tópicos abordados anteriormente começam a ficar nítidos nas matérias seguintes ao acontecimento. Como mostra a *Folha Online*, a família do cantor afirmou que ele recebia uma injeção diária de Demerol, um medicamento similar à morfina. À procura de pistas, as autoridades decidiram ouvir o médico pessoal de Jackson, Conrad Murray, que estava na casa do artista no momento da morte e poderia ter dado a injeção de Demerol. Brian Oxman, amigo e advogado da família do cantor, chegou a insinuar que o *rei do pop* poderia ter abusado de remédios prescritos: "Não conheço a causa de tudo isso, mas isso é algo que eu temia. Isso é um caso de abuso de medicamentos", concluiu Oxman. Logo,

---

<sup>4</sup> “O cantor Michael Jackson morreu nesta quinta-feira (25), aos 50 anos, vítima de um ataque cardíaco em Los Angeles, na Califórnia”. *Folha Online*/<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u586457.shtml>

em busca do entendimento pelas supostas causas da morte, a polícia começou a investigar se o cantor cometeu excessos no uso de medicamentos.

A morte de Michael Jackson na Folha Online se dá num movimento de hermenêutica do acontecimento. As notícias começaram com a descrição da morte, buscando inscrevê-la na ordem de determinados fenômenos, delimitando e categorizando-a. O acontecimento foi colocado em intriga, ou seja, tornado dizível por meio de uma narrativa que chega e que está a chegar (*devir*), configurando uma sucessão de ocorrências ou um encaminhamento de ações numa totalidade inteligível.

No quesito normalização do acontecimento, que é tentar retirar do mesmo sua natureza acontecimental, a morte de Michael Jackson foi comparada a outros acontecimentos da mesma ordem, associando-a ao que já se passou ou ao que poderá vir. Exemplos não faltaram nesse caso: o site trouxe frases como “Michael avisou à filha que ia morrer”, “Michael sabia que ia morrer jovem como Elvis”, ou mesmo uma fã que acompanhou o último ensaio, ao contar que se assustou com a aparência do artista: “Eu preciso dizer: ele vai morrer”.

Por fim, na tentativa de sanar as dúvidas a respeito das causas da morte do cantor, foi apresentado no dia 28 de agosto o laudo da autópsia, no qual era apontado que o artista havia morrido devido a uma intoxicação aguda do anestésico Propofol, em circunstâncias qualificadas como homicídio. Este medicamento havia sido encontrado pelas autoridades no quarto onde dormia o médico particular de Jackson. O relatório do legista foi a primeira declaração oficial afirmando que a morte do cantor foi assassinato.

## 4.2 O acontecimento no portal EGO

Para tentarmos entender melhor a divulgação do acontecimento pela mídia, faremos a avaliação de um portal que assina outro tipo de contrato com o público, que se propõe a utilizar outro mecanismo de informar. Utilizaremos o mesmo critério escolhido para abordarmos o episódio no objeto anterior. Optamos por um site especializado em celebridades tendo em vista a utilização de textos que tentam fechar o sentido de maneira peculiar. O site EGO<sup>5</sup> foi escolhido por se tratar de um site pertencente a um conglomerado de empresas brasileiras concentradas especificamente na área de mídia e comunicação. Foram analisadas matérias dos dias 25 e 26 de junho e 28 de agosto.

No dia da morte do cantor, o site tentou apontar nas reportagens o que havia acontecido com Jackson. Matérias divulgadas de 15 em 15 minutos destacavam a opinião de

---

<sup>5</sup> Site



famosos sobre o caso e os fãs demonstravam o carinho que sentiam pelo artista, citando passagens de suas vidas que foram marcadas pelo ídolo e o que fariam para homenageá-lo<sup>6</sup>.

A morte do astro provocou reações diferentes em cada pessoa, de acordo com o pano de fundo de cada uma. Na matéria intitulada “Uma vida de bizarras”, o site tenta mostrar o que cercava a vida do cantor, do que era constituída sua cultura e valores, expondo uma sequência de fatos sobre seu comportamento controverso e sua excentricidade, usando tópicos intitulados “Uso de máscaras e luvas” e “Descontrole financeiro” para tentar justificar determinadas atitudes. De alguma forma também podemos compreender que esta é uma tentativa de justificar a morte do cantor – a ausência de respostas aos por quês abre a possibilidade para a apresentação de perspectivas diversas.

A questão da temporalidade também é essencial para entender o acontecimento; a morte de Michael Jackson abre um horizonte de sentidos, em particular, introduzindo novas possibilidades interpretativas, tanto em relação ao passado quanto em relação ao presente e ao futuro. O acontecimento se alonga para o futuro e busca referências no passado. Por isso, o acontecimento não se produz somente no tempo. Ele também dá “o tempo a ver”. Quando foi anunciada a morte de Michael Jackson, já se faziam profecias no referido site sobre a causa da morte (o que está passado), como ficaria a turnê para aquele mês (futuro), assim como elementos como “ele parecia já saber o que iria acontecer”.

A morte provoca então um paradoxo: o passado e o contexto não preexistiam ao próprio acontecimento. Por outro lado, podemos reduzir essa descontinuidade, invocando os sinais precursores, comparando-os a acontecimentos similares do passado ou reconstruindo um contexto casual. Suscita questões como: “Onde eu estava no momento da morte?”, “O que eu estava fazendo?”, “Se ele estivesse vivo, eu iria ao show previsto para Londres”. Relaciona-se a morte dele com algum evento, algo que sempre será resgatado quando se falar sobre a morte dele, trazendo de volta o passado como se fosse o presente.

Quéré (2005) ainda questiona se por trás de todos os acontecimentos da mídia não haveria sempre um aval da narrativa, um “a saber” ou um “desconhecido”, se não falta sempre a informação “um tipo de carência constitutiva” que ela “tende em vão suprir”. Segundo ele, os grandes acontecimentos da mídia seriam aqueles que permitem não somente ver, mas não ver. Faz recuar o acontecimento em um fundo de trevas: menos este é suscetível de ser conhecido, mais ele contém valor informativo. A informação pois, tenta, depois do acontecimento, restaurar um acontecimento perdido. É seu caráter incompleto que produz, na

---

<sup>6</sup> “Fãs ao redor do mundo lamentam a perda de Jackson”; “Brasileiro guarda ingresso para show que cantor faria em Londres em 2010”, eram alguns dos títulos das postagens.

mídia, o trabalho da informação, um tecido cuja organização na malha se refaz de incessantemente desfazer, de nunca poder ser completo.

Uma coincidência nos chama à atenção; como observado também na Folha Online, hora antes da morte de Michael Jackson, falecia também a atriz Farrah Fawcett. O site especializado em celebridades tenta normalizar o acontecimento “morte do astro pop”, com o óbito de uma outra personalidade midiática, indicando que aquele dia seria marcado por algo da ordem do sobrenatural, do qual não temos controle – uma clara indicação de que, de fato, os por quês não tem resposta, e ainda que existam, estão em um outro plano.

No dia 28 de agosto, quase duas horas após a divulgação pela Folha Online do relatório sobre as causas da morte de Jackson, o site EGO publica informação sobre o laudo, onde é confirmado o homicídio e é exposta a suspeita de que a demora do médico particular do cantor em prestar socorro tenha determinado a sua morte. “Segundo a polícia de Los Angeles, houve um intervalo de 81 minutos entre o momento em que Dr. Conrad Murray percebeu que o cantor não estava mais respirando e o momento em que ele ligou para o 911 (telefone do serviço de emergência nos EUA)”, afirma o site, colocando a questão em intriga.

Por mais que o laudo tenha surgido para tentar explicar o acontecimento, os porquês não cessam. Em mais uma matéria do site EGO, publicada no mesmo dia em que o relatório foi divulgado, podemos perceber a constante tentativa de se entender o acontecimento, buscando outras justificativas para tal, o que pode ser confirmado pela reportagem “Procurador-geral inicia investigação paralela da morte de Michael Jackson”. Na matéria, é alegado que a polícia de Los Angeles “encomendou” a investigação, e que deve ter como foco os médicos envolvidos no caso.

### **4.3 O acontecimento no Orkut**

Como dito anteriormente, escolhemos este site de relacionamento por se tratar da maior rede social do Brasil, rica em debates acerca deste acontecimento. Optamos pela comunidade “Michael Jackson ETERNO!” por ser esta a comunidade virtual com maior número de participantes (458.104 até o dia 29/11/09). Nesta comunidade escolhemos dois tópicos que abordaram a morte do cantor, para assim analisarmos como os membros problematizaram e justificaram o acontecimento. É preciso deixar claro que nem sempre as discussões se mantêm acerca do propósito inicial, mas as contribuições podem ser positivas.

No dia da morte de Jackson, observamos que 672 tópicos foram postados no fórum desta comunidade. Fãs comovidos deixavam mensagens condolentes e buscavam a todo

instante uma justificativa para o ocorrido. Enquanto alguns se uniam para fazer correntes de oração, outros já planejavam as homenagens ao cantor, sem contar os que relutavam em acreditar no episódio e os que afirmavam ser isto apenas uma jogada de marketing. O fato dos membros da comunidade serem fãs de Michael Jackson pode ter direcionado o tipo de comentário da comunidade, visto que na maioria das vezes os comentários são positivos.

Contudo, em um dos tópicos, um jovem demonstra a sua indignação a respeito das acusações de pedofilia supostamente cometidas por Michael Jackson. A pessoa, de nome Fábio, afirma: “Menos um pedofilo no mundo!!!” (*sic*). Outras duas fazem o mesmo comentário. Em outro tópico, em defesa do cantor, a pessoa de nome Chris relata:

Tive a felicidade de conhecer, curtir e acompanhar toda a trajetória do Jacksons 5 e do pequeno Michael Jackson, que se tornou no Rei do Pop, o maior artista que a Terra conheceu, ele era humano, tinha defeitos como qualquer outro humano, mas ficou PRA LÁ DE PROVADO que ele não era PEDÓFILO (*sic*).

Os trechos demonstram a forma como o cidadão traz a questão para o campo prático, em uma individuação muito particular, que se relaciona, no pano de fundo pragmático, com a representatividade da sua própria vida. O primeiro comentário foi postado no dia 26 de junho de 2009, um dia após a morte do cantor, já o segundo foi postado no dia 17 de setembro, menos de três meses após a morte do cantor, mostrando que há rachaduras que continuam abertas.

Mas não acaba aí. Este é apenas um relato de muitos outros. Evidentemente que no espaço de publicização do Orkut, o primeiro relato recebeu duríssimas críticas, e contra-argumentações baseadas na emoção. Em tantas outras discussões, percebemos o posicionamento dos sujeitos nas mais variadas condições. Um internauta, de nome Painkiller, disse em tópico que:

É fato que Michael Jackson alcoolizava as crianças que o visitava no rancho Never Land, ele fazia isto para assim aliciá-las e abusar delas sexualmente. É o que disse o garoto de 13 anos que denunciou Michael Jackson a polícia. Em um dos seus depoimentos o garoto alega que Michael dizia que era criança também, e por isso podia ter relações com elas. Que tudo não passava de um gesto de carinho (*sic*).

Ao longo das discussões, o indivíduo acusa o cantor de ter realmente feito o que o garoto de 13 anos relatou em depoimento. Ele recebe críticas e uma jovem de nome Mímii revida e, logo abaixo do comentário, afirma: “Esse msm meniono q o denunciou a anos atrasdisse num site americano q o depoimento dele foi uma farsa q ele disse akilo pq o pai o obrigou a dizer pelo dinheiro de mike;” (*sic*). O sinal é que o comentário de Painkiller recebeu retaliações ao considerarmos que a pedofilia não é aceitável no campo de

experiências das pessoas, por mais que elas sejam fãs de Michael Jackson. Podemos pensar que esta seria a perspectiva do acontecimento interferindo na noção de identidade do sujeito.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mostra Quéré, (2005), a maioria dos acontecimentos que retêm a nossa atenção, retêm-na em função da sua pertença a intrigas nas quais nos encontramos mergulhados e cujo desenvolvimento não controlamos integralmente. Uma intriga representa uma situação problemática: está-lhe subjacente um problema a resolver. Problema que, uma vez circunscrito, vai originar uma pesquisa com vista a defini-lo, analisá-lo, encontrar-lhe uma solução. Podemos falar então de um campo problemático. Os acontecimentos ganham um lugar em campos problemáticos, e servem, pelo seu poder de esclarecimento e de discriminação, de pivôs dos inquéritos que procuram e elaboram soluções.

Assim, há de se mencionar que, nesse momento, este artigo se propôs a fazer uma análise geral da morte do cantor. Contudo, deve-se lembrar que as perspectivas do acontecimento vão muito além de uma observação em plano aberto; existem campos problemáticos específicos e variados, que modificam as possibilidades da experiência dos sujeitos. Isso se verifica não só nas especulações sobre o medicamento que causou a morte de Michael Jackson, mas também na questão dos limites da atuação médica em relação à prescrição de remédios; no olhar sobre os problemas e as vidas conturbadas de celebridades e até na visão sobre a violência familiar e doméstica sofrida pelo cantor. Tantos são variados os temas, como são múltiplas as interpretações e os contextos de revelação nos quais este acontecimento reverbera.

A constituição e a evolução de um campo problemático público são processos complexos, em grande parte entregues à contingência, juntamente com as pesquisas que exploram o potencial de inteligibilidade e de discriminação dos acontecimentos. Nesses termos, o sentido é operado por uma investigação socialmente distribuída, em que os sujeitos, numa articulação entre agir e ser afetados, movem-se numa exploração conjunta do acontecimento. É assim que o acontecimento introduz novas possibilidades interpretativas; colore e qualifica a experiência dos sujeitos; se produz no curso mesmo da ação, numa exploração socialmente compartilhada.

Observamos que a morte do cantor Michael Jackson mostra a singularidade do acontecimento. A morte deste ídolo da música foi um incidente inscrito no tempo, o que criou

uma cisão na vida social. Chegamos por fim à ideia de que não há como entender este acontecimento de modo isolado; é preciso abarcá-lo em múltiplas análises e indagações. Propomo-nos aqui a registrar, de forma sucinta, este episódio marcante de nossa história através do viés comunicacional e empreender o primeiro passo para a possibilidade de outras pesquisas acerca da lógica do acontecimento e entendimento de como a morte do *Rei do pop* afeta as pessoas.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. 2007. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva. pp. 1-156.

DEWEY, J. 1980. *Art as experience*. Nova York: Perigee Books.

LEAL, B. S.; GUIMARÃES, C. 2008. *Experiência estética e experiência mediada*. In: InTexto. Porto Alegre: InTexto, v. 2, pp. 1-14.

QUÉRÉ, L. 1995. *L'espace public comme forme et comme événement*. In: JOSEPH, Isaac (org.) *Prendre place. Espace public et culture dramatique*. Colloque de Cerisy: Association des Amis de Pontigny-Cerisy/Éditions Recherches.

\_\_\_\_\_. 2005. *Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento*. IN: *Trajectos*. Revista da Comunicação, Cultura e Educação. Lisboa: ISCTE, n. 6, pp. 59-74.